

HAVERÁ SINCERIDADE?

Raul Pilla

É demasiado cedo para tratar da sucessão presidencial. Depois do sr. Juscelino Kubitschek, acaba de afirmá-lo o sr. Lucas Garcez. Como não ser assim, se este é, por todos os motivos, o interesse do sr. presidente da República?

Mas, quando será oportuno tratar do caso? Não, evidentemente, no dia da eleição. Não, por certo, algumas semanas antes, dadas as proporções da campanha que a eleição popular implica. Quando, pois, será oportuno e a quem caberá decidí-lo? Eis a questão, que cada qual quereria ver resolvida de acôrdo com os seus interesses e inclinações. Para quem não vê de boa mente aproximar-se o termo do mandato, é sempre impertinente tratar da sucessão. Inconveniente há de isto ser, para quem não considera ainda realizadas as condições favoráveis à própria candidatura. E quem já se julga naturalmente candidato, com bons olhos não verá uma antecipação capaz de alterar o rumo dos acontecimentos. Todos têm o seu jôgo e não o querem prejudicar e por isto acham prematuro tratar do problema.

E a Nação? Que dirá, que pensará, qual a sua conveniência? A Nação dirá naturalmente não haver nenhuma sinceridade nisso. Dirá que não se pode negar a oportunidade de tratar de um problema que já foi pôsto há muito tempo — desde antes da posse do atual presidente — de um problema que a todos está preocupando e cada qual vem tratando de resolver à própria maneira. Dirá que o seu interesse dela é ver claro na questão e não ser colhida de surpresa. Dirá que não lhe pode parecer senão prudente e patriótico o pensamento do governador Etelvino Lins, de desde já coordenar, embora ainda em termos impessoais, tôdas as forças de resistência democrática.

Mas quem ouvirá o que diz a Nação, quando somente ouve a voz das próprias ambições?